



## **OS CABARÉS IPUENSES: O Comércio do sexo em Ipu (1960-1980)**

Autor: Francisco de Souza Lima Filho (*Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/ franciscoff\_89@hotmail.com*); Coautora: Dalvanira Elias Camelo (*Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/ dalvaniraips@hotmail.com*); Orientador: Fernanda Maria Vieira Ribeiro (*Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/ fernandamvribeiro@gmail.com*)

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar a tomada de atitude e o não silenciamento das prostitutas dos cabarés de Ipu, no interior do Ceará, durante as décadas de 1960 à 1980, na luta contra o patriarcalismo e o machismo, fortemente notados na sociedade da época. Utilizando os relatos das meretrizes, dos frequentadores e de pesquisadores, apontando detalhes das vidas das mulheres trabalhadoras do sexo, como as motivações que levaram ao ingresso e à saída das meretrizes do mercado sexual, além de entender as relações sociais entre as mulheres públicas e os indivíduos da sociedade de bem. Empregando o método de pesquisa qualitativa, e de cunho exploratório, apoiamos nossas ideias em textos, mas principalmente, nos relatos das próprias prostitutas, dos frequentadores dos cabarés, historiadores e policiais que exerceram sua função durante o recorte temporal estudado. Palavras-chave: Prostitutas, cabarés, Ipu, Ceará.

### **INTRODUÇÃO**

As razões que levaram à escolha do tema apresentado neste artigo, são oriundas principalmente de um sentimento assaz, insueto e feroz que os autores carregam em seus motores cardíacos, pela pesquisa de campo, pelo contato cara-a-cara com os personagens centrais da história, no caso as prostitutas e os frequentadores dos cabarés, além do anseio e ambição de mostrar a luta por vez e a voz das prostitutas numa sociedade essencialmente preconceituosa, machista e patriarcal, onde “ser rapariga era a pior coisa que existia”, como diz Dona Chica<sup>1</sup>. Escolhemos trabalhar com

este recorte temporal, pois é neste período que o cabaré do Chico do Grude nasce, chega ao seu apogeu e começa a findar-se.

Pretendemos com esta pesquisa, analisar a tentativa de ter vez e a voz das putas<sup>2</sup> dos cabarés ipuenses, das décadas de 1960 à 1980, apontando as situações, experiências e emoções vividas nestes locais. Almejamos também, identificar as motivações que levaram essas mulheres à fazerem sexo em troca de dinheiro. Outro objetivo desta pesquisa é tentar compreender como era a vida e o cotidiano de uma trabalhadora do mercado sexual,

---

de seu esposo. Trecho retirado da entrevista realizada em agosto de 2015.

<sup>2</sup> Decidimos fazer uso da expressão “putas” para aproximar a linguagem do artigo com a linguagem que os entrevistados utilizaram para falar das prostitutas durante as entrevistas.

---

<sup>1</sup> Francisca Alves Martins, também conhecida como Dona Chica, é ex-prostituta e ex-proprietária do mais famoso cabaré ipuense, o Cabaré do Chico do Grude, casa de prostituição que carregava o nome



além de tentar entender a relação prostituta-sociedade, e o impacto da contiguidade desses mundos no convívio e nas relações interpessoais, sentimentais e afetivas do todo social.

O debate que levantamos neste artigo supera as imagens de vítimas, subordinadas e coitadinhas, normalmente empregadas à mulheres que fazem parte do mundo do comércio sexual, mostramos que apesar da sexualidade ser uma construção social masculina para subjugação feminina<sup>3</sup>, ser prostituta e se dizer prostituta era, acima de tudo, um símbolo de autonomia e liberdade feminina, diante do controle patriarcal e machista da sociedade da época<sup>4</sup>.

## **METODOLOGIA**

Empregando o método da pesquisa qualitativo, com um olhar exploratório, buscamos o levantamento de bibliográfico sobre o tema em discussão, e fomos à campo na tentativa de diálogo cara-a-cara com os personagens centrais do comércio sexual em Ipu, nas décadas em estudo, as

---

<sup>3</sup> MACKINNON, apud RIBEIRO, Fernanda Maria Vieira. É possível consentir no mercado do sexo? O difícil diálogo entre feministas e trabalhadoras do sexo. 2015, p. 19.

<sup>4</sup> PISCITELLI, 2005, p. 13, apud RIBEIRO, op. cit. p. 18-19.

raparigas<sup>5</sup> e os frequentadores das casas de prostituição.

O cruzamento dos conceitos discutidos pelos autores, como o conceito prostituição voluntária, discutido por Ribeiro (2015), ou o empoderamento, apresentado por Barros (2009) e Farias Filho (2015), com as narrações dos entrevistados, sobretudo das rparigas, nos permitiu uma aproximação com a realidade do mundo do comércio sexual, e das trabalhadoras do sexo, mostrando que elas não eram apenas objetos sexuais para satisfação dos desejos sexuais masculinos, mas sim, atoras centrais de suas vidas e de suas histórias.

## **DESENVOLVIMENTO**

Ipu despontava-se das outras cidades da região desde o início do século XX, e esse destaque se deu principalmente pela implantação da estrada de ferro, que tinha como parada final o município. Com a chegada dos trens, veio também o desenvolvimento e o crescimento do comércio de produtos agrícolas, e também o comércio do sexo.

Com o desenvolvimento comercial da cidade, começou-se a notar uma tentativa de transformação nos papéis

---

<sup>5</sup> Tanto Dona Chica quanto Dona Sergina, outra ex-prostituta e ex-proprietária de cabaré em Ipu, utilizam da expressão “rapariga” para se referir às prostitutas.



sociais e morais dos indivíduos, em especial das mulheres, sobretudo as “de família”, já que estas não se prendiam mais às paredes internas de seus lares, já queriam mais. No entanto, o juízo oriundo o patriarcalismo, apoiando-se principalmente no discurso da moral da “mulher-mãe”, não permitia que essa tentativa de empoderamento feminino se fizesse por completo. Como diz Farias Filho (2015, pág. 23):

Embora se quisesse viver de outra forma, como nos grandes centros, os limites impostos a isso eram de ordens diversas. Se de um lado, era aceito e se buscava incorporar a mulher aos espaços sociais, cobrando dela uma postura respeitável, uma desenvoltura, elegância e uma educação esperada, de outro lado, cobrava-se também o seu papel para a maternidade.

A cultura da imposição da opinião masculina sobre as opiniões femininas, podiam ser percebidos por todos os lados da sociedade, desde as atividades empregadas à ambos os gêneros perante a sociedade, até as formas de relacionar-se afetiva e sexualmente. Para Mackinnon (apud RIBEIRO, 2015, p. 19), o uso da sexualidade para a subjugação feminina é uma construção social do poder masculino, e a principal fonte de dominação dos homens sobre as mulheres. Neste sentido,

[...] a prostituição seria uma forma de legitimar essa dominação, pois a

mulher objetifica seu corpo para o desejo masculino. (RIBEIRO, 2015, p. 20)

Mas porque essas mulheres ingressavam no mundo do mercado sexual? Quando questionada sobre as motivações que à levaram para a vida no cabaré, Dona Chica responde:

-Era a necessidade que fazia a gente fazer isso. Neste tempo, os pais da gente pobres, a gente passava necessidade e vinha pro (sic) cabaré se prostituir atrás de alguma coisa, até de comida, porque no meu tempo os pais da gente pobre, não tinham nem comida pra dar a gente. Nem comida pra dar a gente eles num tinham!<sup>6</sup>

Ela ainda completa:

-Neste tempo a gente só queria os homens era pelo dinheiro. Podia ser quem quer que fosse, tendo dinheiro tava (sic) bom. [...] ninguém queria homem de graça não, [...] era a bunda no chão e o dinheiro na mão. [...] E queria ver revolta, não saísse dinheiro.

Durante a entrevista, a ex-prostituta nos falou ainda que ser puta não era a única forma de conseguir sobreviver, porém era mais rentável que trabalhar em outras atividades.

-Cresci nas casa alheias, trabalhado que só jumento pra ganhar um prato de comida, aí a gente vinha pra cá [...] atrás de roupa, calçado, que ninguém tinha nada.

<sup>6</sup> Trecho retirado da entrevista realizada em agosto de 2015.



Ela nos confessou que a vida de mulher pública<sup>7</sup>, mesmo com todos os infortúnios aos quais eram submetidas, era divertida, pois tinham liberdade de poder beber, dançar e *brincar*<sup>8</sup>, e ainda ganhavam dinheiro para isso.

### *Na sociedade*

Como já citado anteriormente, as mulheres de família, já frequentavam os centros comerciais da cidade, porém o contato destas com as prostitutas, era visto pelos homens como um fator desvirtuador da integridade moral das “senhoras e senhoritas direitas”. A medida pela sociedade adotada para evitar este convívio, foi a limitação dos horários de frequência das raparigas nestes centros.

Foi estabelecido para as prostitutas, que só poderiam permanecer no centro da cidade até as 9 horas da manhã, pois a partir deste horário, as mulheres de bem iriam para o centro *fazer suas feiras*<sup>9</sup>. Porém não foram raros os casos de desobediência dessa norma. Segundo as prostitutas, essa inobediência tinha motivos. Dona Sergina nos relatou que em um determinado dia estava no centro

<sup>7</sup> Cf. BARROS, 2002.

<sup>8</sup> Reforçando a ideia de que a prostituição era a profissão que tinham escolhido, e desconstruindo a ideia de ser sempre desafortunado e infeliz, Dona Chica faz uso do verbo “brincar” para se referir ao trabalho sexual.

<sup>9</sup> A expressão “fazer a feira” refere-se à fazer as compras.

[...] fazendo as compras quando chegou o **Ten. Atalana** – Já é nove horas!

**D. Sergina** – E eu sou relógio para andar por hora? Eu vim fazer minhas compras e só vou quando terminar de fazer minhas compras é que eu vou pra casa.

**Ten. Atalana** – Mas é a ordem.

**D. Sergina** – Vá dar ordem aos bêbados que andam aí no meio da rua sem fazer nada, rapaz!<sup>10</sup>

Observamos como a polícia agia para o cumprimento da ordem<sup>11</sup>, mas ao mesmo tempo vemos que as raparigas não aceitavam passivamente o que era estabelecido, o que gerou muitos conflitos e prisões.

### **“Eu vou tirar você desse lugar”<sup>12</sup>**

Como conta Dona Sergina, o mundo que as condenava era o mesmo que lhes abria portas para uma vida séria. Ela conta ainda que a maioria das que saíam dos cabarés assumiam o papel de dona de casa, esposa e mãe, e que não foram raros os casos de usuários que levavam aquelas mulheres para seus lares, quando solteiros, ou quando casados, deixavam suas antigas

<sup>10</sup> Trecho da entrevista realizada em setembro de 2015. Os Traços (–) dizem foram utilizados para representar as falas dos indivíduos.

<sup>11</sup> Segundo o sargento aposentado, Euzébio, esta “ordem” era uma determinação legal e que não se restringia à cidade de Ipu, mas que se estendia por todo o estado do Ceará.

<sup>12</sup> A frase “Eu vou tirar você desse lugar” é o título de uma canção composta e interpretada pelo músico brasileiro Odair José lançada em 1972.





esposas para viver com seus novos (ou nem tão novos assim) amores<sup>13</sup>.

## CONCLUSÃO

Concluimos então, que as ideias de vítima, subordinada e submissa, normalmente empregadas às prostitutas, não traduziam realidade das mesmas. Entendendo a tentativa masculina de controle social, e a significação da sexualidade como fator de submissão, vemos que as raparigas não se deixava ser comandadas, elas lutavam por vez e voz.

A exploração oriunda das outras atividades, sujeitava as mulheres à trabalhos excessivos e demasiados pesados e as recompensavam com ordenados bem inferiores ao que deveriam, ou, como cita Dona Chica, com um “prato de comida”. Essa exploração excessiva, cometia às mulheres ao trabalho sexual, pois a vida de trabalhadora do sexo mostrava-se mais rendosa e vantajosa na busca por melhores condições de sobrevivência.

---

<sup>13</sup> Trecho retirado da entrevista setembro de 2015.



### Fontes orais

**Antonio Iramar Miranda Barros.** Historiador e professor de história, com grau de Mestre pela Universidade Estadual do Ceará, ipuense. Entrevista realizada em julho de 2015.

**Francisca Alves Martins.** Ex-prostituta e ex-proprietária de casa de meretrício, residente ainda no local em que se localizava o Cabaré do Chico do Grude. Entrevista realizada em outubro de 2015.

**Francisco Alves Euzébio.** Policial aposentado, com mais de 40 anos de profissão, aposentado com a graduação de sargento, (mora atualmente em Ipueiras-CE, a 28 km de Ipu). Entrevista realizada em setembro de 2015.

**Sergina Alves.** Ex-prostituta e ex-proprietária de casa de meretrício. Entrevista realizada em setembro de 2015.

### Fontes audiovisuais

O MERETRÍCIO ipuense. Produção de Dalvanira Elias Camelo; Francisco de Souza Lima Filho; Lucas Martins Araújo. Sobral, LABOME. 2015. 1 DVD.

### Referências Bibliográficas

ALBUM Itaú Cultura. Odir José, proibido e popular. Disponível em: <<http://albumitaucultural.org.br/radios/odair-jose/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. **A Serpente Domada:** um estudo sobre a prostituta de baixo meretrício. Fortaleza, UFC, 1983.

BARROS, Antonio Iramar Miranda. **Ipu nos trilhos do Meretrício:** intelectualidade e controle numa sociedade em formação (194-1930). 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de História. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. **Duas faces:** a prostituta e a mulher ideal no início do século XX – o caso de Ipu. In: Antonio Vitorino Farias Filho, Antonio Iramar Miranda Barros, (org.). Nas trilhas do Sertão: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará. v2. Sobral, CE: Sertão Cult, 2015.

RIBEIRO, Fernanda Maria Vieira. É possível consentir no mercado do sexo? O difícil diálogo entre feministas e trabalhadoras do sexo. **REIA**, Recife, v. 2, n. 2, p. 17-29, jul./dez. 2015.